

**TERRITÓRIOS EM DISPUTA: O GRAFITE DE RUA COMO CONTEÚDO
POLÍTICO NA FOTOGRAFIA *OUTSIDER***

Cleber Fernando Gomes-Bolsista FAPESP*

Universidade Federal de São Paulo-UNIFESP

Resumo:

A experiência fotográfica apresenta muitas possibilidades de reflexão sobre o território urbano contemporâneo. Através da visualidade e posteriormente pela imagem estática no tempo e espaço, podemos entrar em contato com ações políticas que fizeram e fazem parte de uma determinada sociedade. Nesse sentido, a fotografia *outsider* é um recurso importante de expressão artística, política, estética e social que, busca registrar as ações das margens sociais, sobretudo, aquelas ações que foram excluídas das convenções estéticas e sociais. A partir dessa perspectiva, o grafite de rua como arte sócio-política encontra-se em constante disputa no território urbano, e torna-se objeto de análise e reflexão crítica em uma sociedade capitalista que, cada vez mais tem o econômico como principal base de valores. Dentro desse contexto, essa pesquisa analisa o conteúdo *outsider* de fotografias que conseguiram cristalizar múltiplas expressões de indivíduos em busca de reconhecimento e compreensão nas ruas de grandes centros urbanos. O grafite de rua da cidade de São Paulo está no foco da análise, assim como, comparações com algumas experiências de registros fotográficos realizados na cidade de La Paz/Bolívia**.

Palavras-chave: Sociedade; Fotografia; Grafite.

Introdução

A cidade é território e espaço de diversos grupos sociais que divergem e convergem a todo momento em disputa de poder, direitos e reconhecimento. Esse fenômeno é observado na sociedade contemporânea por sua complexidade, cada vez mais fortalecida e impulsionada pelas novas tecnologia da informação e comunicação, em especial a internet e as redes sociais. Contudo, é interessante notar que, mesmo com o avanço da diversidade de tecnologias disponíveis aos indivíduos, a rua, ainda continua sendo espaço e território de disputas entre indivíduos, instituições públicas e privadas.

A busca por identidades, principalmente por grupos de jovens suscetíveis a uma ampla rede de contatos e trocas de ideias, faz com que as associações entre indivíduos sejam facilitadas e ações realizadas. Nesse caso, a fotografia *outsider* torna-se recurso interessante para

* Sociólogo, mestrando em História da Arte na Universidade Federal de São Paulo-UNIFESP, com bolsa de pesquisa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo-FAPESP, 2015/2016.

** Agradecimento à Abimael Carvalho Rocha, Geógrafo pela Universidade de São Paulo-USP, por ter cedido suas fotografias realizadas na cidade de La Paz na Bolívia, no ano de 2015.

I CONACSO-Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23-25 de setembro de 2015-UFES-Vitória-ES

analisarmos os resultados provenientes desses grupos de indivíduos que vão as ruas em disputa de territórios para expressar suas ideias, sejam elas, políticas ou artísticas, através do grafite.

A fotografia *outsider* apresenta diversos conteúdos sociológicos representativos de um espaço e tempo onde os direitos individuais e coletivos estão em pauta, em uma busca constante pelo direito de expressão e canais de diálogos sobre o periférico, o central, os excluídos, os privilegiados, o público, o privado, etc. Os muros da cidade transformam-se em locais propícios à essas reivindicações.

O interessante nessa realidade social está no fato dos jovens serem a maioria na composição e realização desses grafites de rua. Muitos desses protagonistas expressam um pensamento crítico sobre os fenômenos existentes na sociedade contemporânea, principalmente, porque são rotulados desviantes (*outsider*) socialmente.

Ao aderir à singularidade da análise sociológica por meio da visualidade da fotografia *outsider*, legitimamos um suporte documental como objeto capaz de auxiliar as ciências sociais na sua busca em compreender as disputas por poder, território e espaço entre esses jovens *outsider*, o poder público e o poder privado. Segundo Becker (2008, p.22) “o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um infrator”. Sendo assim, A experiência dessas imagens grafitadas e posteriormente fotografadas, traz ao debate questões importantes sobre a função da sociologia da arte e a sociologia da cultura dentro das ciências sociais, suas possibilidades analíticas e críticas no espaço e tempo.

A partir dessa perspectiva, analisaremos fotografias *outsider*, de grafites de rua, clicadas nos muros da cidade de São Paulo/Brasil, assim como, comparações de grafites de rua clicados na cidade de La Paz/Bolívia. Pretendemos ainda, fazer análises sociológicas sobre o grafite como uma arte marginalizada e desviante (por isso, *outsider*, do livro do sociólogo Howard S. Becker), que disputa territórios nas cidades contemporâneas, concentrando suas expressões artísticas na luta política por direitos e igualdade das classes sociais periféricas. Contudo, será contextualizado o espaço de exposição dessa arte grafitada, quando a mesma consegue sair das ruas, e se estabelecerem em museus, galerias, Bienais de artes, em um contraste político e econômico, principalmente porque a história do grafite de rua sempre esteve marcada pela exclusão social. Com base em uma análise comparada em sociologia histórica, e com base em um pequeno acervo de fotografias *outsider*, será possível interpretar conteúdos políticos e sociais, de um objeto documental naturalizado na sociedade

I CONACSO-Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23-25 de setembro de 2015-UFES-Vitória-ES

contemporânea, a fotografia e o grafite de rua. Dessa forma, após realizar e observar fotos de grafites na cidade de São Paulo e contar com outras fotografias clicadas na cidade de La Paz, será possível levantar algumas hipóteses e analisadas, compreendendo como as ações sociais se estabelecem no campo artístico e posteriormente rompe suas fronteiras se inserindo no espaço urbano com conteúdo crítico e contestador. Algumas matérias de jornais também serviram de base para as análises, assim como, bibliografias e pesquisas virtuais na internet.

A Fotografia *Outsider*

A fotografia na sociedade contemporânea tem múltiplas funções, desde ações narcisistas de autopromoção do ego, até funções políticas e críticas sobre infinidades de fenômenos. Com o advento das redes sociais que, tem como principal objetivo, disponibilizar suporte para fotografias, as imagens, estão cada vez mais ocupando o espaço, antes, destinado as letras. Porém, podemos observar em Philippe Dubois (2008, p. 30) que, “o papel da fotografia é conservar o traço do passado ou auxiliar em seu esforço para uma melhor apreensão da realidade do mundo”. E no nosso caso, um mundo globalizado, tecnológico e informatizado que, produz e reproduz muitas imagens, sejam, estáticas ou em movimento.

O fenômeno imagético com todas as suas particularidades acaba favorecendo o trabalho analítico de pesquisadores que, fazem uso das imagens para tentar compreender os distintos objetos e hipóteses. Nesse contexto, o grafite como conteúdo na fotografia *outsider* é uma forma de cristalizar no tempo e espaço as expressões de um grupo de artistas marginalizados pelas convenções sociais, justamente por estarem situados em um território periférico, sem os recursos necessários para subsistir com dignidade. Assim, legitimar o grafite como obra de arte dentro da fotografia desviante é, considerar a própria fotografia *outsider* uma obra de arte, nesse caso, podemos destacar que, “... a criação de grandes obras de arte é independente da existência social de seu criador, de seu desenvolvimento e experiência como ser humano no meio de outros seres humanos” (ELIAS, 1995, p.53).

O reconhecimento de uma obra de arte pode levar um longo tempo, seu criador pode padecer da falta de consideração social e, permanecer na periferia do campo artístico, sem receber os méritos de seu trabalho, assim como, podemos observar na biografia de Vicent van Gogh. O grafite contemporâneo, em sua maioria, continua sofrendo seus preconceitos e, a aceitação de sua obra como arte ainda é um desafio, porém, já podemos contar com algumas exceções.

I CONACSO-Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23-25 de setembro de 2015-UFES-Vitória-ES

Figura 1. Grafite de Eduardo Kobra



Fonte: Agunzi, 2015.

Figura 2: Grafite Osgemeos



Fonte: Youssef, 2009.

Nas figuras 1 e 2, observamos dois trabalhos de grafiteiros que conseguiram sair do ostracismo, sendo finalmente reconhecidos e valorizados pelos seus trabalhos. Eduardo Kobra, inicia suas atividades como pichador, em seguida migra para o grafite e atualmente se classifica como muralista. Em suas obras de arte é possível visualizar uma tendência ao retrato de personalidades públicas e famosas, como a exemplo de políticos e artistas. Seus murais de rua são grandiosos, possuindo uma unicidade de cores em formas geométricas sobrepostas em sua maioria, em retratos.

Nas obras de arte dos irmãos Osgemeos, observamos figuras em tons de pele amarelados que abrem um diálogo, quase sempre, com questões sociais, culturais e políticas. Gustavo Pandolfo e Otavio Pandolfo, começam a grafitar nas ruas de São Paulo com influencias da cultura hip hop norte-americano, em meados dos anos oitenta, logo aperfeiçoando suas técnicas com o também grafiteiro norte-americano, Barry McGee. Ao longo de suas trajetórias, construirão sua própria poética artística e conseguiram legitimar seus trabalhos como verdadeiras obras de arte.

Muitas vezes o maior desejo destes é serem reconhecidos como iguais por aqueles que os tratam, tão abertamente, como inferiores. A curiosa fixação dos desejos dos outsiders pelo reconhecimento e aceitação do establishment faz com que tal objetivo se transforme no foco de todos os seus atos e desejos, sua fonte de significado. Para eles, nenhuma outra estima, nenhum outro sucesso, têm tanto peso quanta a estima do círculo em que são vistos como outsiders inferiores, quanto o sucesso em seu establishment local (ELIAS, 1995, p.39).

O destaque feito por Norbert Elias em seus estudos sobre a sociologia de um gênio, podem refletir também as análises sobre a trajetória do grafite e dos grafiteiros no campo das relações sociais e artísticas contemporâneas. Observamos três trajetórias artísticas de

I CONACSO-Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23-25 de setembro de 2015-UFES-Vitória-ES

construção de uma carreira, tendo o grafite como principal atividade e que, conseguiu colocar esses indivíduos em ascensão social dentro do campo das artes visuais, valorizados por seus trabalhos de rua, conseqüentemente se instalando em galerias e museus de artes pelo mundo. A história desses três artistas brasileiros começou como a exemplo de tantos outros grafiteiros, em uma disputa de territórios, por meio da pichação e, em seguida, através do grafite de rua, elevando-os ao patamar de artistas reconhecidos e valorizados.

A fotografia *outsider*, junta-se a esse componente artístico, o grafite de rua, para reforçar a valorização dessas obras de arte que, estão a céu aberto, a mercê de vandalismos, depreciações temporais e, de ações políticas negativas, para garantir o registro e a cristalização dessas obras, tendo como finalidade a memória histórica de uma sociedade em constante transformação.

Os desviantes e os estabelecidos

A História da Arte revela muitas particularidades de grandes artistas e, o caminho percorrido por eles para conseguir reconhecimento. O processo de construção de uma carreira nas artes visuais, na sua maioria é composto por muitos obstáculos, principalmente, quando se faz uma arte desviante que não está enquadrada dentro dos padrões de visualidade convencionalizados pelos grupos socialmente estabelecidos.

Quando observamos as figuras 3 e 4, notamos esse fenômeno da disputa de territórios uma vez que reconhecemos os espaços em que estão grafitados. Nesse caso, a disputa do território acaba sendo uma forma de legitimar a exclusão social e artística, quando sabemos que as escolhas dos muros foram feitas de forma seletiva, entre o público e o privado.

Figura 3: Grafite de Rua/SP



Fonte: Arquivo Pessoal, 2015

Figura 4: Grafite MAM/SP, Osgemeos



Fonte: Arquivo Pessoal, 2014

I CONACSO-Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23-25 de setembro de 2015-UFES-Vitória-ES

Essas duas fotografias *outsider* (figuras 3 e 4), traz ao debate contemporâneo questionamentos sobre as convenções no campo da arte, as relações políticas e, as regras do jogo que, privilegiam uma minoria e descarta outros, com trabalhos também relevantes para a História da Arte. A releitura de La Gioconda, de Leonardo da Vinci, é um objeto artístico interessante do ponto de vista crítico-social, por apresentar uma reflexão sobre os aspectos que envolvem a corporificação no século XXI, além de levantar questões sobre o espaço de exposição do grafite que, está em um muro de uma via pública da cidade de São Paulo (Avenida Dante Pazzanese).

Em contraposição, ao lado, temos uma fotografia *outsider* (figura 4), que apresenta um grafite no muro do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP), e nesse caso, de dois artistas conceituados – porque já foram aceitos pelas convenções do campo artístico. O interessante desse fato são as evidências elitistas que se instalam nesses territórios reconhecidamente nobres no campo das artes visuais. Os espaços de Museus, internos ou externos, estão disponíveis para artistas consagrados, que conseguiram, por algum mérito ou artifício, ganhar as disputas desses territórios museológicos e, nesse sentido:

A sociologia encontra-se precisamente no terreno por excelência da denegação do social. Não lhe basta combater as evidências primeiras; nem de referir o gosto, princípio incriado de qualquer “criação”, às condições sociais de que ele é o produto, sabendo perfeitamente que todos aqueles que se obstinam a recalcar a evidência da relação entre o gosto e a educação, entre a cultura no sentido de estado do que é culto e a cultura como ação de tornar culto, ficarão espantados que se possa despender tanta energia para comprovar cientificamente esta evidência (BOURDIEU, 2007, p.17).

Ao contestar essa lógica estabelecida por uma convenção social entre o que é, obra de arte e, o que não se encaixa nessa categoria, simplesmente porque não está no território dos museus, procuramos mostrar que entre a sentença de reconhecer e classificar um objeto de arte, existe uma fronteira tênue de relações políticas encobertas pelo manto sagrado do valor de uso e do valor de troca, de um sistema capitalista perverso que privilegia o poder econômico.

A partir dessa perspectiva, a fotografia *outsider*, serve novamente as ciências sociais com seus produtos culturais desviantes e, ao mesmo tempo, denunciante. O fenômeno pode ser observado no próprio conteúdo dessas fotografias *outsider*, revelando ao mundo um submundo de ideias e expressões ávidas para serem compreendidas e, posteriormente

I CONACSO-Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23-25 de setembro de 2015-UFES-Vitória-ES

aceitas. Os territórios em disputa não compreendem somente as ruas dos grandes centros urbanos, há uma busca frenética pela compreensão subjetiva e, ao mesmo tempo coletiva, de uma produção estética e artística que possa conter um conteúdo crítico, político e, social. Os artistas considerados desviantes não estão apenas disputando seus espaços com os estabelecidos, almejando serem aceitos pelas convenções sociais do mundo artístico, há uma disputa de território que envolvem outros objetivos, assim como, podemos observar nas fotografias *outsiders* das figuras 5 e 6.

Figura 5: Grafite e Polícia



Fonte: O Estado de S.Paulo, 2006

Figura 6: Grafite e Justin Bieber



Fonte: Site UOL, 2013

O fenômeno do grafite como uma arte *outsider*, impressiona pela capacidade de romper fronteiras físicas e imaginárias, deslocando as disputas por territórios para além do campo artístico, nesse caso, a arte desviante pode estar contribuindo para legitimar a sua própria exclusão social-artística, ou sendo usada como subterfúgios para ações intoleradas na sociedade contemporânea e, a fotografia *outsider*, registra esses duelos históricos.

Do Estado-soberano cultural ao Estado-polícia há uma gama de situações intermediárias...Os conteúdos culturais diferem mais ou menos radicalmente segundo o tipo de intervenção do Estado – negativo (censura, controle) ou positivo (orientação, domesticação, politização) – segundo o caráter liberal ou autoritário da intervenção, segundo o tipo de Estado interveniente...O sistema de Estado quer convencer, educar: por um lado, tende a propagar uma ideologia que pode aborrecer ou irritar, por outro lado, não é estimulado pelo lucro e pode propor valores de “alta cultura” (palestras científicas, música erudita, obras clássicas) (MORIN, 1997, p.23).

Diante dessa realidade, no século XXI, podemos compreender que o grafite como arte desviante, em alguns casos, consegue desempenhar funções consideradas pelo poder estatal

I CONACSO-Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23-25 de setembro de 2015-UFES-Vitória-ES

como negativas, atribuindo-lhe um caráter desfavorável à ordem pública, assim como, observamos na figura 5, um fato que chamou atenção da imprensa por movimentar o Estado-polícia, na obrigação de apagar uma arte realizada no muro de um bairro periférico no município de Diadema, região metropolitana de São Paulo. A arte, nesse contexto, sempre esteve em disputas de territórios com o poder de Estado, tanto nos espaços públicos das ruas, quanto em exposições internas de museus e festivais.

Por outro lado, os limites da arte e do poder estatal podem ser contestados quando observamos a cena da fotografia *outsider*, exposta na figura 6. Nesse caso, temos uma imagem emblemática no sentido de apresentar uma contradição quanto a função específica de dois personagens. O artista multinacional fazendo sua intervenção em um muro da cidade do Rio de Janeiro, e o poder do Estado-polícia em vigilância. O paradoxo existente desperta nossa visualidade para a distinção entre os desviantes excluídos e a nobreza dos estabelecidos que, nesse caso, segundo Pierre Bourdieu (2007), “a essência em que elas se reconhecem não se deixa confinar em uma definição; escapando ao rigor mesquinho da regra ou do regulamento, ela é liberdade por natureza” (p.28).

A complexa relação política entre os artistas considerados desviantes e os considerados estabelecidos é, histórica e traz ao debate contemporâneo uma reflexão sobre a microfísica do poder existente no tecido social. Essas relações estão distantes do grande público e ocorrem de forma sorrateira, propositalmente em função de garantir benesses. E a partir dessas regras sociais e políticas, podemos compreender as críticas do artista francês Jean Dubuffet, em oposição a um sistema da arte capitalizado:

Sou individualista, isto é, considero o meu papel de indivíduo como o de impor a qualquer constrangimento provocado pelos interesses do bem social. Os interesses do indivíduo mostram-se contrários aos do bem social. Pretender servir os dois ao mesmo tempo só pode conduzir à hipocrisia e à confusão. Compete ao Estado vigiar pelo bem social, a mim compete-me vigiar pelo do indivíduo. Mas ao Estado apenas conheço um rosto: o da Polícia. Todos os departamentos dos Ministérios de Estado revelam, aos meus olhos, esse mesmo rosto, e não posso imaginar o Ministério da Cultura de outro modo que não seja uma espécie de Polícia da cultura, com o seu prefeito e os seus comissários. O que isso representa para mim é extremamente hostil e repugnante (DUBUFFET, 1971, p. 12-13).

I CONACSO-Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23-25 de setembro de 2015-UFES-Vitória-ES

Terras e Territórios

Pensar a América Latina através da arte é algo complexo, principalmente, sua natureza simbólica e plurifacetada. A diversidade de povos e suas expressões culturais contradizem o imaginário popularmente difundido sobre a existência de uma identidade latino-americana. Nesse sentido, muitos questionamentos podem ser feitos ao ponto de levantar vários aspectos igualitários, e outros, totalmente distintos que legitimam os costumes e as regras sociais de uma nação.

Porém, ao considerarmos que estamos inseridos em um mundo globalizado, com deslocamentos diversos, trocas de saberes e conhecimentos, conexões informatizadas e tecnológicas, a fotografia *outsider*, desempenha uma função essencial e centralizadora na difusão das múltiplas expressões artísticas, políticas e sociais. Nas fotografias *outsider* das figuras 7, 8 e 9, podemos visualizar esse fenômeno globalizado referente ao grafite manifesto nas ruas de grandes cidades – nessas imagens a temática sobre a terra aparece fortemente vinculado ao corpo, uma sincronia que emana da necessidade de criar raízes em solo nacional, legitimando o direito de pertencimento a um território.

Nesse caso, La Paz é a cidade em questão, sendo a mais populosa da Bolívia e, apesar de não ser oficialmente a capital do país, abriga a sede do governo federal boliviano e conta com um importante acervo de obras de arte do período colonial boliviano, assim como, coleções latino-americanas, hispânicas e europeias, depositados no Museu Nacional de Arte/MNA.

Figuras 7: Grafite Bolívia



Fonte: Carvalho, 2015

Figura 8: Grafite Bolívia



Fonte: Carvalho, 2015

Figura 9: Grafite Bolívia



Fonte: Carvalho, 2015

Consideramos que essas fotografias *outsider* foram realizadas a partir do olhar de um geógrafo formado pela Universidade de São Paulo/USP, fato que contribuiu para construção

I CONACSO-Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23-25 de setembro de 2015-UFES-Vitória-ES

de uma poética totalmente particularizada no que se refere a visualidade crítica e, a cristalização dos conteúdos dessas imagens.

Só percebemos um mundo se, antes de serem fatos constatados, esse mundo e essa percepção forem pensamentos nossos. Falta compreender exatamente a pertença do mundo ao sujeito e do sujeito a si mesmo, essa *cogitatio* que torna possível a experiência, nosso poder sobre as coisas e sobre nossos "estados de consciência" (MERLEAU-PONTY, 1999, p.500).

Sendo assim, ao analisarmos as imagens grafitadas nos muros de La Paz, podemos perceber uma unicidade de conteúdos críticos e políticos direcionados as questões da terra, temáticas muito frequentes na história social dos povos bolivianos em busca de direitos e soberania. O grafite da figura 10, expressa muito bem esse clamor pelo direito à terra – na imagem observamos a frase: “*¡Tierra, Mar y Soberania Para Los Pueblos!*”, uma manifestação que reverbera pelas ruas da cidade, em uma tentativa de despertar as consciências dos que ainda estão adormecidos no leito da complacência. O conjunto de cores quentes e frias, usados nesse grafite da figura 10, fortalece o sentimento de incorporar diversos elementos disponíveis no campo da produção artística, justamente para preencher um espaço público que congrega uma multiplicidade de ideias e desafios – o sentimento nacionalista encontra-se cravado na representação da bandeira boliviana sendo segurada com mão firme.

“los campesinos aymaras, qhechwas, cambas, chapacos, chiquitanos, moxos, tupiguaraníes y otros, somos los legítimos dueños de esta tierra. Somos la semilla de donde ha nacido Bolivia y somos los desterrados en nuestra propia tierra. Queremos reconquistar nuestra libertad cortada en 1492, revalorizar nuestra cultura y con personalidad propia ser sujetos y no objetos de nuestra historia...” (SCHAVELSON, p.91).

Figura 10: Grafite em La Paz/Bolívia



Fonte: Carvalho, 2015

Figura 11: Grafite em La Paz/Bolívia



Fonte: Carvalho, 2015

I CONACSO-Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23-25 de setembro de 2015-UFES-Vitória-ES

A percepção de autonomia é visível na expressão de alguns bolivianos conscientes de sua existência como cidadãos pertencentes a terra e ao território de seu país. A luta por reconhecimentos e direitos, extravasa as fronteiras e faz do grafite mais uma ferramenta de expressão e questionamentos nos muros da cidade. A terra, o território e o corpo, são elementos que compõe essas fotografias *outsider*, realizadas em La Paz. Dessa forma, pode ser possível ter uma percepção do conteúdo político expresso nas artes visuais grafitadas nos muros da cidade boliviana, uma vez que, o olhar geográfico nessas fotografias *outsider*, certificam um conteúdo político voltado para as questões das disputas de terra em território urbano – um fenômeno também relativo a ciência geográfica que se dispõe aos estudos da superfície da Terra, assim como, suas relações correspondentes.

O corpo como elemento presente nos grafites de La Paz, são parte do universo correspondente a terra e, nesse sentido, objetos artísticos que conseguem expressar politicamente fenômenos recorrentes no campo social. As exclusões, os embates, os enfrentamentos fazem parte de uma sociedade que luta pelo reconhecimento de sua própria existência como ser social e político dotado de direitos. Na figura 11, podemos ter essa compreensão quando deparamos com uma mulher, sem medo, em frente a boca de um dragão, segurando na mão, uma lata de spray, e nas costas, carregando uma criança – uma imagem surreal, porém, com forte impacto, se contextualizarmos a história desse povo – uma mulher em enfrentamento direto, com orgulho no rosto em estar com o poder na mão, e assim, reconstruir o dragão a sua própria maneira.

O Estado tem sempre uma única finalidade; limitar o indivíduo, refreá-lo, subordiná-lo, fazer dele súdito de uma qualquer *ideia geral*; só dura enquanto o indivíduo não for tudo em tudo, e é apenas a mais marcada expressão da *limitação do meu eu*, da minha limitação e da minha escravidão. Nunca um Estado tem como objetivo permitir a atividade de cada indivíduo, mas sempre aqueles que estão ligados aos *interesses do Estado* (STIRNER, 2004, p.179-180).

A mulher boliviana nas representações dos grafites de rua, torna-se um elemento figurativo essencial na busca por uma legitimidade da autonomia e do nascimento de uma nova consciência de classe. A luta frente ao Estado, sendo possível ser representado pelo dragão, em uma tentativa de intimidação, visualiza parecer não demonstrar mais medo a uma mulher confiante de sua ação. O contexto do conteúdo político dessa fotografia *outsider* pode remeter a uma comparação com as ações realizadas por um brasileiro na cidade de

I CONACSO-Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23-25 de setembro de 2015-UFES-Vitória-ES

Paris/França. As mulheres do artista brasileiro Rafael Suriani, especificamente reconhecidas travestidas, aparece nos muros da capital francesa como seres andrógenos, representações de musas inspiradoras do próprio artista, as drag queens (figura 13). Com uma referência à *pop art*, o artista brasileiro faz suas intervenções nas ruas parisienses numa forma de mostrar suas impressões sobre essas figuras humanas que tiveram coragem de se montar artisticamente e, legitimar a liberdade de ir e vir.

O grafite como arte na rua, consegue romper as fronteiras dos territórios nacionais e, se instalar em países distantes conservando seus aspectos políticos e suas disputas por espaços. Nesse sentido, o conteúdo dos grafites do artista brasileiro em Paris, divergem visualmente dos grafites registrados na cidade de La Paz, porém, convergem na busca por territórios onde possam expressar suas convicções políticas. Esse fenômeno do deslocamento de artistas grafiteiros é recorrente na contemporaneidade, assim como, é possível observar diversas obras brasileiras em ruas e muros de vários países pelo mundo. Na figura 12, notamos que no grafite em La Paz, essa referência global entre países distantes, também está presente em uma imagem que traz a inscrição do nome da capital francesa – essa associação remete ao grafismo de uma torre presente na cena, além do conjunto da obra apresentar uma certa luminosidade manifestada em traços claros, sobre a face da figura de uma criança e, lampejos de vermelho e azul.

Figura 12: Grafite em La Paz/Bolívia



Fonte: Carvalho, 2015

Figura 13: Grafite em Paris/França



Fonte: Balloussier, 2015

A arte globalizada se expande pelo mundo em uma tentativa de atingir o maior número possível de espectadores, dessa forma, o grafite como arte na rua, considerada desviante e, no espaço da rua, considerada marginal, também se inseriu no trânsito global da visualidade, principalmente com o advento das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Nesse contexto, a fotografia *outsider* desempenha função essencial, porque favorece a cristalização dessas obras de arte grafitadas, contribuindo com a história social e política,

I CONACSO-Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23-25 de setembro de 2015-UFES-Vitória-ES

possibilitando a análise e compreensão dos fenômenos em torno das disputas de territórios. Segundo Roland Barthes (1984) “a fotografia começou, historicamente, como uma arte da Pessoa: de sua identidade, de seu caráter civil, do que se poderia chamar, em todos os sentidos da expressão, o *quanto-a-si* do corpo” (p.119). A partir do corpo, seja do fotógrafo *outsider*, ou da figura humana cristalizada no grafite, percebemos caminhos complexos de atuação política nas disputas por territórios.

Considerações finais

Acreditamos que a fotografia *outsider*, como objeto documental, está inserido na sociedade desde o século XIX, quando através dos acervos históricos, podemos observar registros de diversas cenas urbanas que mostram as cidades e suas complexidades, nas mais variadas situações. Esse fenômeno do conteúdo grafite, na fotografia *outsider* é, gerado por regras sociais que, segundo Becker (2008, p.21-22), foram rotuladas e aplicadas com sucesso as pessoas reconhecidas socialmente como desviante (*outsider*).

Nesse sentido, o conjunto de fotografias *outsider* analisadas, demonstram ações políticas expostas através do grafite, uma arte também rotulada socialmente como *outsider* que, ao mesmo tempo em que atrai os olhares de diversos indivíduos pela originalidade e ousadia, também é fruto de indignação e censura por outros indivíduos reacionários e estabelecidos pelas convenções sociais e artísticas.

Fotografar essas expressões artísticas e políticas é, entrar em contato com um tipo de arte complexa e polêmica, principalmente, porque essas expressões estão em disputas constantes nos espaços e territórios dos grandes centros urbanos. O grafite de rua ainda é considerado vandalismo e poluição visual, e os seus realizadores, indivíduos marginalizados, sem reconhecimento de suas identidades artísticas. O sociólogo Howard S. Becker, definiu esses grupos marginalizados socialmente, como *outsiders*, ou seja, “aquele que se desvia das regras de grupo” (BECKER, 2008, p.17). No entanto, é inegável que o grupo de artistas grafiteiros, considerados desviantes, produz uma arte urbana, que em muitos casos é politizada, sendo objeto de crítica e reflexão.

Analisamos que as fotografias *outsider*, tendo o grafite de rua como conteúdo, são fontes de informações e contextualizações importantes para as sociologias e as ciências sociais, porque possuem um conjunto de elementos visuais políticos e críticos sobre os fenômenos sociais. Nos grafites de rua da cidade de São Paulo, consideramos que existem imagens com conteúdo crítico à política partidária que, em muitos casos reprimem as ações dos grafiteiros.

I CONACSO-Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23-25 de setembro de 2015-UFES-Vitória-ES

Nesse sentido, é interessante notar que os conteúdos das fotografias *outsider*, seja em São Paulo, La Paz, ou Paris, convergem com diversos elementos gráficos, passíveis de reflexões crítica sobre diversos assuntos políticos e humanitários.

Segundo, Barros (2012, p.46) “o grafite enquanto atividade de ordem estética deve ser estudado como um fenômeno (...) presente na história do homem e da arte”. Nesse caso, a fotográfica *outsider*, dispendo do grafite de rua como conteúdo, problematiza uma questão contemporânea que envolve diretamente as questões sociais, artísticas, estéticas e uma complexidade de fenômenos polêmicos no campo político, sujeito de serem observadas através do “fenômeno global da fotografia”, assim como, um objeto importante para “ver o significante fotográfico” (BARTHES, 1984, p.17). Os elementos visuais produzidos constantemente nas sociedades contemporâneas através das fotografias, são fontes de expressão política, contestações e dilemas enfrentados por muitos povos na busca por espaço e reconhecimento de seus territórios enquanto cidadãos dotados de uma história, assim como, produtores de histórias.

REFERÊNCIAS

AGUNZI, Mariana. ‘**Quero mostrar a SP que passa despercebida**’, diz Eduardo Kobra. São Paulo: Folha de S.Paulo, 2015. Acesso em: 21 ago 2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2015/07/1658509-queria-mostrar-a-sp-que-passa-despercebida-diz-eduardo-kobra.shtml>

BARROS, Erna R. L. R. **Os muros também falam – Grafite: as ruas como lugares de representação**. Dissertação de Mestrado em Multimeios, Instituto de Artes – Universidade Estadual de Campinas/SP, UNICAMP, Campinas, 2012.

BALLOUSSIER, Anna V. **Artista Rafael Suriani grafita drag queens brasileiras em muros de Paris**. São Paulo: Folha de S.Paulo, 12/05/2015. Acesso em: 03 ago 2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/05/1627679-artista-rafael-suriani-grafita-drag-queens-brasileiras-em-muros-de-paris.shtml>

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Ed. Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

I CONACSO-Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23-25 de setembro de 2015-UFES-Vitória-ES

DUBUFFET, Jean. **Cultura Asfixiante**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1971.

ELIAS, Norbert. **Mozart – Sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1995.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999.

O ESTADO DE S.PAULO. **Apologia do Crime – Policiais pintam muro de Diadema que exibia em grafite PMs sendo atacados e humilhados por bandidos**. 14/01/2006. Acesso em: 04 mai 2015. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20060114-40996-nac-1-pri-a1-not/tela/fullscreen>

SCHAVELZON, Salvador. *El nacimiento del Estado Plurinacional de Bolivia-Etnografía de una Asamblea Constituyente*. La Paz, Bolivia: Plural editores, 2012.

UOL. **Justin Bieber é autuado por pichar muro de hotel**. São Paulo: Notícias – UOL TV e Famosos, 06/11/2013. Acesso em: 21 abr 2015. Disponível em: <http://celebridades.uol.com.br/noticias/redacao/2013/11/06/justin-bieber-e-autuado-por-pichar-muro-de-hotel.htm>

YOUSSEF, Alê. **Mapa do Grafite**. Blogs Revista Trip – Outra Política. UOL, 10.06.2009. Acesso em 23 jul 2015. Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/blogs/outrapolitica/2009/06/10/mapa-do-grafite.html>